

ENSAIOS DE CURSO

A REPRESENTAÇÃO DA INGLATERRA E DA ESCÓCIA

EM *THE EXPEDITION OF HUMPHRY CLINKER*

— CARLA LENTO FARIA

RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar a representação da Inglaterra e da Escócia no romance *The expedition of Humphry Clinker* (1771), do escritor escocês Tobias Smollett. Escrito em forma epistolar, o romance narra as impressões de uma família galesa acerca das cidades que visita durante uma viagem pela Grã-Bretanha. Assim, as cartas do romance permitem conhecer a Inglaterra e a Escócia do século XVIII sob uma variedade de perspectivas. Apesar da união dos parlamentos da Escócia e da Inglaterra em 1707, a ideia de "britânico" no período em que o romance foi produzido estava muito atrelada à cultura e à língua inglesas, de modo que os escoceses eram vistos como inferiores aos ingleses. Sendo assim, cabe observar como, ao contrastar cidades da Inglaterra e da Escócia, Smollett pretende subverter os preconceitos e falsas concepções direcionados aos escoceses, tão comuns nos romances produzidos na Inglaterra, unificando a ideia de escocês àquela de britânico.

Palavras-chave: Humphry Clinker; Tobias Smollett; Romance; Inglaterra; Escócia.

ABSTRACT

This article aims to analyze the representation of England and Scotland in the novel The expedition of Humphry Clinker (1771), by the Scottish writer Tobias Smollett. Written in epistolary form, the novel narrates the impressions of a Welsh family about the cities they visit during a trip through Great Britain. Thus, the letters of the novel allow us to know the England and Scotland in the eighteenth century through a variety of perspectives. Despite the union of the parliaments of Scotland and England in 1707, the idea of "British" in the period in which the novel was produced was closely tied to English culture and language, and because of that the Scots were seen as inferior to the English. It is therefore worth noting how, by contrasting cities in England and Scotland, Smollett intends to subvert the prejudices and misconceptions directed at the Scots that were so common in the novels produced in England, unifying the idea of Scots to that of British.

Keywords: Humphry Clinker; Tobias Smollett; Novel; England; Scotland.

The *expedition of Humphry Clinker* (1771), do escocês Tobias Smollett, é um romance que engendra muitas das questões referentes à ascensão do romance britânico no século XVIII. A obra, portanto, é fruto desse período descrito por Vasconcelos (2006) como um momento de afirmação e popularização do “new species of writing” (RICHARDSON apud VASCONCELOS, 2006, p. 301). Um período em que podemos observar como os escritores “tateiam por caminhos múltiplos e incertos [...]”. Esse é um tempo de busca, de trocas, fertilizações recíprocas, de abertura para o novo” (idem, p. 25). Sendo assim, pode-se afirmar que o *status* do romance no século XVIII é informe e sem regras; um eterno experimento que olha para o que é antigo, reavaliando e mesclando séculos de literatura para seguir produzindo algo novo.

Como demonstra Bakhtin, em “Epic and novel” (1981), o romance é um gênero que está sempre a se renovar e, por essa mesma razão, é também um gênero muito peculiar, pois permanece sempre incompleto. Segundo o teórico, o romance possui essa capacidade singular de incorporar outros gêneros ao mesmo tempo que os transforma: “the novel parodies other genres [...]”; it exposes the conventionality of their forms and their language; it squeezes out some genres and incorporate others into its own peculiar structure, reformulating and re-accentuating them” (idem, p. 5). Além disso, Bakhtin também ressalta que o romance é um gênero determinado pela experiência, pela inconclusividade do presente e pela preocupação com a realidade de sua contemporaneidade. Daí sua constante busca por renovações que permitam representar a realidade de diferentes momentos históricos (idem, p. 15).

Humphry Clinker é fruto desse momento de busca do século XVIII. Gassman, por exemplo, afirma que podemos classificar essa obra como “a multi-porpoise-work” (1983, p. 347). Já Iser afirma que Smollett criou uma mistura própria ao incorporar elementos do romance epistolar, do livro de viagens e da novela picaresca, todas formas muito em voga até aquele momento:

Smollett takes over from Richardson the complex letter-form with several correspondents, but leaves out the self-examination leading to moral analysis which had been the central theme of the epistolary novel in the first half of the eighteenth century. He also takes over the travel book form as giving a panoramic view of a number of localities, but he no longer interprets this as a compendium of topographical information. Finally, he joins on the picaresque novel, but removes the satirical intention of the picaresque adventures. All three forms on their own are characterized by the fact that they each give empirical reality a certain meaning. (1983, p. 381)

Assim, é consenso entre os estudiosos desse romance que Smollett não inventou muita coisa em termos formais, mas soube unir diversos elementos e explorar ao máximo as potencialidades latentes das convenções formais que mobilizou, produzindo uma obra bastante singular. Como aponta Gassman (1983, p. 345-346), as famosas “travel letters” do século XVIII tinham como intuito disseminar informações acerca da geografia, história, costumes e comportamento dos lugares. No entanto, *Humphry Clinker* vai além dessa percepção jornalística dos lugares da Grã-Bretanha e, juntamente com o relato de viagem, também fornece as ações e reflexões de um grupo de personagens enquanto o deslocamento ocorre. Assim, as reflexões das personagens permitem que o romance vá além da abrangência de um livro de viagens “adding a marked note of criticism and didactic commentary on the English milieu of the 1860s” (idem, p. 347).

Escrito em forma epistolar, *Humphry Clinker* narra em primeira pessoa as impressões de cinco personagens durante uma viagem por cidades da Grã-Bretanha. Trata-se, portanto, de uma família que parte do País de Gales, lugar onde vive, passando pela Inglaterra, em cidades como Bath e Londres, para enfim realizar uma expedição à Escócia – concentrando-se mais nas Lowlands. Assim, a construção desse romance está intrinsecamente relacionada com a forma epistolar e a polifonia criada pelas vozes dessas cinco personagens.

Em *Humphry Clinker*, não há apenas uma voz narrativa, mas uma comunidade de vozes constituída por Matthew Bramble, sua irmã Tabitha Bramble, seus sobrinhos Jery e Lydia Melford e, finalmente, Winifred Jenkins, a criada de Tabitha. O romance, portanto, é constituído por 82 cartas divididas entre esses cinco correspondentes. A maior parte delas, cerca de dois terços, é assinada por Matthew Bramble, patriarca da família galesa, e por seu sobrinho Jery Melford, recém-formado em Oxford. Onze são de autoria de Lydia, seis de Tabitha e dez de Winifred. As cartas começam no mês de abril e terminam no mês de novembro, totalizando um período de cerca de sete meses de viagem pela Grã-Bretanha. No entanto, em nenhum momento do romance as personagens estão de fato no País de Gales, pois logo nas primeiras cartas é informado que já se encontram em Gloucester, na Inglaterra, e que em breve partirão para Bath. Ademais, o romance termina com as personagens dizendo que em breve voltarão para casa, sem de fato narrar sua chegada.

Quanto à questão de descrever uma mesma situação sob o olhar de diferentes personagens, Sir Walter Scott aponta que isso já havia sido feito antes com Christopher Anstey, autor do *The New Bath Guide*, em suas cartas rimadas da família Blunderhead. No entanto, para Scott, a obra de Anstey parece mais um esboço quando comparada com o acabamento e a elaboração dados por Smollett na singularidade com que esse último trata cada uma das personagens escritoras das cartas:

Anstey's diverting satire was but a light sketch, compared to the finished and elaborate manner in which Smollett has, in the first place, identified his characters, and then fitted them with language, sentiments, and powers of observation, in exact correspondence with their talents, temper, condition, and disposition. (SCOTT, p. 347)

Nesse sentido, segundo Sir Walter Scott, a força com que Smollett pinta a individualidade dessas personagens é um dos grandes motivos de engrandecimento de sua obra.

Matthew Bramble e sua família registram em suas cartas muito de suas impressões acerca dos lugares e das pessoas que conhecem ao longo da viagem pela Grã-Bretanha, sendo que cada personagem se atém aos elementos externos que mais dialogam com seu mundo interior, seus interesses e seus conhecimentos prévios. Como aponta Knapp (1983, p. 349):

The most obvious feature of Smollett's multiple point of view is the manner in which each letters-writer characterizes himself through his reactions to sights and scenes encountered on the expedition. At the same time that the reader is given typical data about the social customs of Bath or the mushrooming growth of London, he is being intimately introduced to the personality of the observer.

Konigsberg (1985, p. 184) também sugere que as diferentes percepções individuais são a base da obra, pois permitem que o leitor veja a realidade pelos olhos de cada uma das personagens e entenda o mundo ao redor delas através de suas mentes. Nesse sentido, as cartas do romance “allow us to see eighteenth-century England and Scotland through a number of perspectives that are, to varying degrees, clouded by ‘prejudice and passion’” (idem, p. 190). No entanto, cabe ressaltar que pouco se desenvolve do enredo por meio das cartas, pois as personagens não têm acesso às cartas umas das outras, já que nunca trocam cartas entre si, mas sim com pessoas que não fazem parte da viagem. Sendo assim, a unidade da narrativa só acontece porque o leitor tem acesso a todas essas diferentes visões da história: “The real unity of the book comes from the interaction of the letters that we, the readers, perceive” (idem, p. 188).

No que diz respeito à caracterização da comunidade de vozes do romance, observa-se que Bramble é dono de uma voz excêntrica, afetada por sua misantropia e por seu complicado estado de saúde. Lydia é mais sentimental e por vezes inocente, apresentando em seu discurso muitos

adjetivos, advérbios e travessões. Da mesma forma, Jenkins tem um olhar religioso e vislumbrado diante dos acontecimentos da viagem e uma fala caracterizada por erros ortográficos que sugerem um certo tom cômico comum ao período. Já tia Tabitha representa uma pretensão intelectual em que o mau uso da linguagem se torna cômico, inclusive gerando diversos trocadilhos que se relacionam com sua busca por um marido. Por fim, Jery apresenta um modo mais caricatural de narrar, distanciando-se dos acontecimentos quase como um repórter. Para Gassman (1983, p. 350), a voz de Jery é um pouco mais distanciada e objetiva do que as outras, porque ele sempre narra suas impressões acerca das experiências das outras personagens, mantendo-se longe de qualquer possibilidade de constrangimento.

Cabe ainda destacar que a personagem que dá nome ao romance, Humphry Clinker, não possui voz narrativa, tendo toda a sua jornada descrita por meio das outras personagens. Clinker é talvez a personagem mais instigante do romance e aquela que passa pela maior transformação. Ele começa como lacaio e vai conquistando a confiança e a consideração dos membros da família, para no fim descobrir ser ninguém mais, ninguém menos que o filho de Matthew Bramble. Assim, a história de Clinker se constrói com o desenrolar da narrativa, e parte da sustentação da revelação até o final ocorre possivelmente porque o leitor nunca tem acesso às percepções de Clinker, só compreendendo sua individualidade com os poucos dados que vão sendo inferidos pelas cartas das outras personagens ao longo da narrativa.

Um dos elementos que mais chamam a atenção ao longo do romance são as percepções distintas das personagens acerca de cidades da Inglaterra, como Bath e Londres, mas muito próximas no que diz respeito às cidades da Escócia, como Glasgow e Edimburgo. Essas quatro cidades têm a função, no romance, de criar uma contraposição entre a Escócia e o centro do Império Britânico: a Inglaterra. Há, portanto, em *Humphry Clinker*, uma abertura da mimese para populações distintas do centro londrino e, mais ainda, quando comparadas ao centro londrino, essas populações são colocadas em posição de destaque em relação ao centro do Império Britânico.

Como aponta Crawford, a união dos parlamentos da Escócia e da Inglaterra em 1707 teve pouco efeito na literatura escrita na Inglaterra, mas afetou drasticamente a literatura escrita na Escócia. Houve por parte dos “homens de letras” da Escócia um esforço para anglicizar sua língua numa tentativa de se “enquadrar” no Império Britânico, pois ser britânico era praticamente sinônimo de ser um inglês. Assim, enquanto o “Scottish” representava a barbárie, o “British” representava a polidez. Tratou-se de um movimento forte de conversão cultural que fica mais claro quando observamos exemplificado o crescimento de estudos ingleses nas universidades escocesas (2000, p. 22). Além disso, uma vez que o termo “civilização” no século XVIII era um conceito

linguístico, o vocabulário e a sintaxe utilizados distinguem o refinado e civilizado do vulgar e selvagem (idem, p. 18).

Desse modo, a literatura produzida na Escócia

[...] *involved a continuing examination of and response to, the strains and possibilities of Britishness [...] The Scots' concern with identity, discrimination, and the possibilities of 'improvement' or advancement makes prejudice one of the main themes of Scottish books in this period.* (idem, p. 46)

Por outro lado, os romances ingleses do século XVIII, como *Tom Jones* (1749), *Clarissa* (1748) ou *Tristram Shandy* (1759-1767), não apresentam questionamentos sobre o que significa ser britânico, sendo considerados apenas grandes romances ingleses (idem, p. 46). É como se ser britânico e ser inglês significasse a mesma coisa, de modo que sequer havia uma preocupação nos romances produzidos na Inglaterra em distinguir um de outro. Mas o mais interessante é que esses romances apresentam “a good supply of insults” direcionados aos escoceses:

To many Englishmen of the later seventeenth century, Scotland was a 'scabbie land', verminous, exporting mangy itches; by the mid-eighteenth century Scots were spreaders of 'Caledonian Poison'; they were "bare ars'd Caledonian Rogues", whose literature was the worthless rant of 'Caledonian pedlars'; on stage and in hostile pamphlets they were stereotyped as 'Swaney', the indigent immigrant; their presence in England and in the British government was 'the Scouts Scourge'. (idem, p. 56)

Nesse sentido, os ingleses tinham a tendência de ver a sociedade escocesa como primitiva em comparação à sua, numa relação não de igualdade, mas sim de superioridade. Assim, apesar da União, os escoceses eram vistos em Londres como uma comunidade de imigrantes, o que sugere um olhar de colonizador sobre o colonizado.

Tobias Smollett esteve no centro da discussão de seu tempo, muito devido ao seu papel como editor, e acreditava que aquilo que os ingleses viam como “improvement” – ideia de tornar o primitivo em civilizado e que perpassava todo o século XVIII desde a economia até as artes – era na verdade uma barbárie, pois deixava de lado a simplicidade e a nobreza encontradas apenas em lugares distantes do centro britânico, como a Escócia e o País de Gales. Nesse sentido, ao contrastar as cidades da Inglaterra e da Escócia, Smollett pretende subverter os preconceitos direcionados aos escoceses nos

romances britânicos, escrevendo um romance para vingar os escoceses (idem, p. 66). Não por acaso, já em seu primeiro romance, *The adventures of Roderick Random* (1748), Smollett apresentou um herói escocês. Para Crawford, isso aponta um interesse do autor em unificar a ideia de escocês e de britânico: “by choosing a Scot as his hero, and making the reader aware of the way in which scottishness is treated, Smollett is beginning to construct fiction that is not English (in the national sense) but both Scottish and truly British” (idem, p. 60).

Em *Humphry Clinker*, Bath e Londres são representadas como cidades de luxúria, desordem e de falta de bom senso. Isso porque, ainda que as vozes de Lydia e de Jenkins representem um olhar positivo sobre esses lugares, suas análises quando comparadas com as de Jery e Bramble acabam por ser superficiais. Em Bath, por exemplo, onde as personagens ficam durante os meses de abril e maio para o tratamento das enfermidades de Bramble, vemos um encantamento de Jenkins e Lydia com a cidade. A sobrinha de Bramble fica maravilhada com tantas coisas novas:

Bath is to me a new world—All is gayety, good-humour, and diversion. The eye is continually entertained with the splendour of dress and equipage; and the ear with the sound of coaches, chairs, and other carriages. [...] we have music in the Pump-room every morning, cotillons every forenoon in the rooms, balls twice a week, and concerts every other night, besides private assemblies and parties without number. (LM, 26 de abril, p. 41)¹

[1] Todas as citações do romance foram retiradas da seguinte edição: SMOLLETT, T. *The expedition of Humphry Clinker*. Disponível em: <http://www.gutenberg.org/ebooks/search/?query=humphry+clinker>. Acesso em: 24 jun. 2018. No entanto, para facilitar a identificação dos trechos das cartas, bem como os remetentes e datas de envio, optamos, extraordinariamente, por utilizar um formato específico de referência, isto é (Iniciais do nome da personagem, data de envio, página do romance).

Lydia também descreve em suas cartas as construções de Bath com bastante entusiasmo: “The Square, the Circus, and the Parades, put you in mind of the sumptuous palaces represented in prints and pictures; and the new buildings [...], look like so many enchanted castles, raised on hanging terraces” (LM, 26 de abril, p. 41). Assim, a voz de Lydia reflete uma jovem em um momento de descobertas e preocupações com as possibilidades de entretenimento desse lugar em que tudo é novo e instigante. A princípio, a personagem não apresenta um olhar profundo sobre pessoas e caracteres dos lugares que visita, apenas um olhar preocupado com suas próprias descobertas. Ainda assim, percebe-se que ao longo do romance a convivência de Lydia com as outras personagens, bem como as situações que vivencia, torna-a menos sentimental e mais pragmática. Trata-se de um movimento inverso daquele que ocorre com Bramble, por exemplo, que devido aos acontecimentos do romance se torna menos pragmático e moralista e um pouco mais sentimental.

Logo que chega à Inglaterra, Bramble assume um papel bastante moralista e crítico perante a sociedade inglesa de Bath. A personagem é

responsável por fazer longos discursos contra os costumes sociais de seu tempo, primeiro em Bath e depois em Londres. Já em sua primeira carta, de 23 de abril, podemos observar muitos dos elementos que serão criticados por Bramble tanto em Bath quanto em Londres, pois a personagem se detém por um longo momento descrevendo suas percepções acerca das construções e das pessoas que frequentam o lugar. Bramble afirma que em Bath só encontrou desapontamentos e que a cidade mudou muito desde a última vez que a visitou, 30 anos antes. Bramble esperava um lugar em que pudesse encontrar “peace and tranquility”, mas em vez disso sugere que Bath se tornou um lugar de desordem e barulho: “a resource from distemper and disquiet [...] the very centre of racket and dissipation” (MB, 23 de abril, p. 36). Além disso, ele fala sobre como é cansativa toda a atmosfera de formalidade, falsidade e cerimônia da cidade, afirmando que se trata de um lugar para lunáticos e que ele pode vir a se tornar um caso permaneça lá por muito tempo.

Bramble também se detém sobre a arquitetura de Bath, o que lhe permite ampliar ainda mais o espectro de sua crítica à cidade. Como sugere Sena (1983), as descrições arquitetônicas feitas por Bramble durante toda a viagem pela Grã-Bretanha estão interligadas com sua visão de mundo e com sua crítica aos costumes locais. Para Bramble, Bath está crescendo desordenadamente – há praticamente uma casa sendo construída a cada esquina –, com construções malfeitas e sem planejamento: “Thus the number of people, and the number of houses continue to increase; and this will ever be the case, till the streams that swell this irresistible torrent of folly and extravagance, shall either be exhausted, or turned into other channels” (MB, 23 de abril, p. 36).

Assim, a personagem se questiona sobre que tipo de monstro Bath irá se tornar caso continue desse jeito. Bramble também se detém por um longo tempo em um lugar em específico, o *The Circus*. Construído entre 1754 e 1764, o *The Circus* era “a symbol of spirit and achievement of Bath, a building that embodied the temper and pride—the Zeitgeist—of the city and the people who gathered there” (SENA, 1983, p. 411). Bramble chama o *The Circus* de “pretty bauble”, reclamando tanto da composição arquitetônica quanto da localização na cidade. Segundo sua carta, o *The Circus* é uma construção desproporcional, mal pensada e que tem apenas uma entrada extremamente perigosa e escorregadia em dias de chuva. Desse modo, as descrições sobre a disposição arquitetônica de Bath só ajudam a demonstrar ainda mais o descontentamento com o lugar.

Após discutir as características físicas e arquitetônicas do local, Bramble passa a refletir sobre como a luxúria e o enriquecimento de camadas mais baixas da sociedade da época são os grandes responsáveis pelo estado degradante de Bath:

All these absurdities arise from the general tide of luxury, which hath overspread the nation, and swept away all, even the very dregs of the people. Every upstart of fortune, harnessed in the trappings of the mode, presents himself at Bath, as in the very focus of observation—Clerks and factors from the East Indies, loaded with the spoil of plundered provinces; planters, negro-drivers, and hucksters from our American plantations, enriched they know not how; agents, commissaries, and contractors, who have fattened, in two successive wars, on the blood of the nation; usurers, brokers, and jobbers of every kind; men of low birth, and no breeding, have found themselves suddenly translated into a state of affluence, unknown to former ages; and no wonder that their brains should be intoxicated with pride, vanity, and presumption. (MB, 23 de abril, p. 39)

Trata-se de uma reflexão de extrema importância feita por Bramble, pois faz o retrato de um período de ascensão social a partir de oportunidades de enriquecimento advindas das relações de exploração de outros países e de conflitos armados. Nas palavras de Bramble, o problema surge porque essas pessoas não pertencem a famílias de linhagem nobre e acabam deslumbradas pelo rápido e fácil enriquecimento.

Jery, diferentemente de seu tio, apresenta em suas cartas uma visão mais jovem sobre Bath, afirmando que o aparente caos e a “mistura de cores” da cidade são verdadeiras fontes de divertimento:

[...] Here, for example, a man has daily opportunities of seeing the most remarkable characters of the community. He sees them in their natural attitudes and true colours; descended from their pedestals, and divested of their formal draperies, undisguised by art and affectation—Here we have ministers of state, judges, generals, bishops, projectors, philosophers, wits, poets, players, chemists, fiddlers, and buffoons. [...] Another entertainment, peculiar to Bath, arises from the general mixture of all degrees assembled in our public rooms, without distinction of rank or fortune. This is what my uncle reprobates, as a monstrous jumble of heterogeneous principles; a vile mob of noise and impertinence, without decency or subordination. But this chaos is to me a source of infinite amusement. (JM, 30 de abril, p. 51)

Jery também parece se divertir com as confusões causadas pela mistura de classes em Bath: “I cannot account for my being pleased with these incidents,

any other way, than by saying they are truly ridiculous in their own nature, and serve to heighten the humour in the farce of life, which I am determined to enjoy as long as I can" (JM, 30 de abril, p. 52). Mas, se Jery parece gostar mais de Bath do que seu tio, é apenas por achar as situações que presencia risíveis, ou seja, pelo caráter "ridículo" dos acontecimentos: "Those follies, that move my uncle's spleen, excite my laughter" (JM, 30 de abril, p. 52). Além disso, a possibilidade de Jery achar Bath minimamente decente se esvai quando ele presencia uma cena esdrúxula em que convidados de uma celebração atacam uma mesa de sobremesas:

The tea-drinking passed as usual, and the company having risen from the tables, were sauntering in groupes, in expectation of the signal for attack, when the bell beginning to ring, they flew with eagerness to the dessert, and the whole place was instantly in commotion. There was nothing but justling, scrambling, pulling, snatching, struggling, scolding, and screaming. The nosegays were torn from one another's hands and bosoms; the glasses and china went to wreck; the tables and floors were strewn with comfits. Some cried; some swore; and the tropes and figures of Billingsgate were used without reserve in all their native zest and flavour; nor were those flowers of rhetoric unattended with significant gesticulation. Some snapped their fingers; some forked them out; some clapped their hands, and some their back-sides; at length, they fairly proceeded to pulling caps, and every thing seemed to presage a general battle [...] (JM, 30 de abril, p. 55)

Nesse sentido, as cartas de Jery reforçam em certa medida as concepções de seu tio – sem seu ar mal-humorado – de que Bath é um lugar de não civilizados. E se, em outros momentos, as cartas servem para distinguir uma personagem da outra, aqui elas servem para reforçar aspectos negativos acerca da experiência vivida por essas personagens enquanto estão em Bath.

Da mesma forma, os relatos da estadia de duas semanas da família em Londres parecem reforçar a visão da Inglaterra como um lugar de crescimento desordenado e sem regras morais. A carta de Jenkins descrevendo suas impressões sobre a cidade mostra o tumulto das ruas, a Torre de Londres e o divertimento em Sadler's Wells, mas de forma a representar o caráter inocente de Jenkins:

[...] what shall I say of London? All the towns that ever I beheld in my born-days, are no more than Welsh barrows and crumlecks

to this wonderful sitty![...] One would think there's no end of the streets, but the land's end. Then there's such a power of people, going hurry skurry! Such a racket of coxes! Such a noise, and haliballoo! So many strange sites to be seen! O gracious! my poor Welsh brain has been spinning like a top ever since I came hither! (WJ, 3 de junho, p. 112)

Também Lydia, apesar de se sentir um pouco deslocada, parece gostar da cidade, observando a imensidão de Londres: “The cities of London and Westminster are spread out into an incredible extent. The streets, squares, rows, lanes, and alleys, are innumerable. Palaces, public buildings, and churches rise in every quarter [...]” (LM, 31 de maio, p. 95). Ademais, ela menciona um lugar chamado Vauxhall, um exuberante jardim londrino – que também é assunto de uma das cartas de seu tio – que funcionava como um centro de entretenimento da época:

But this flutter was fully recompensed by the pleasures of Vauxhall; which I no sooner entered, than I was dazzled and confounded with the variety of beauties that rushed all at once upon my eye. Image to yourself, my dear Letty, a spacious garden, part laid out in delightful walks, bounded with high hedges and trees, and paved with gravel; part exhibiting a wonderful assemblage of the most picturesque and striking objects' pavilions, lodges, groves, grottoes, lawns, temples and cascades; porticoes, colonades, and rotundos; adorned with pillars, statues, and painting: the whole illuminated with an infinite number of lamps, disposed in different figures of suns, stars, and constellations; the place crowded with the gayest company, ranging through those blissful shades, or supping in different lodges on cold collations, enlivened with mirth, freedom, and good humour, and animated by an excellent band of music. (LM, 31 de maio, p. 96)

Por outro lado, Bramble fala de Vauxhall como um lugar de exageros, com uma arquitetura mal pensada e desproporcional, feita para os olhos vulgares:

Vauxhall is a composition of baubles, overcharged with paltry ornaments, ill conceived, and poorly executed; without any unity of design, or propriety of disposition. It is an unnatural assembly of objects, fantastically illuminated in broken masses; seemingly contrived to dazzle the eyes and divert the imagination of the vulgar [...]. (MB, 20 de maio, p. 93)

Bramble não entende como um lugar em que as pessoas deveriam fazer longas caminhadas em silêncio, aproveitando a natureza, pode ser tão barulhento e lotado.

Além disso, Bramble aponta como Londres mudou de campos abertos que produziam feno e milho para um lugar cheio de ruas, praças e palácios, referindo-se também ao crescimento desenfreado da cidade: “London is literally new to me; new in its streets, houses, and even in its situation; as the Irishman said, ‘London is now gone out of town’” (MB, 20 de maio, p. 90). Ainda que Bramble elogie alguns elementos, como a pavimentação e a iluminação de Londres, ele se mostra incomodado com a onda de luxúria e corrupção refletida nessa cidade: “The tide of luxury has swept all the inhabitants from the open country—The poorest squire, as well as the richest peer, must have his house in town, and make a figure with an extraordinary number of domestics” (MB, 20 de maio, p. 90). Para Bramble, o problema central de Londres é que tudo é tumulto e pressa e que as pessoas e todos os setores da vida, pública e privada, se misturam sem distinção e cuidado. Isto é, segundo ele, o problema é esse monstro chamado “the public”, que não tem a menor ideia do que seja elegância e decência. Em sua concepção, é impensável que alguém prefira os prazeres adulterados da cidade em vez dos prazeres genuínos do campo.

Quando o grupo entra na Escócia e em Glasgow, as impressões são bem mais positivas, de modo que até mesmo a família se mostra surpresa com o que vê. O grupo passa cerca de dois meses entre julho e setembro nas terras escocesas, descrevendo os costumes, as paisagens e as pessoas dos lugares por onde passa. Cabe destacar que, nessa parte do romance, as cartas de Jenkins, Lydia e Tabitha diminuem consideravelmente, ficando, portanto, a cargo de Bramble e Jery narrar a maior parte dos acontecimentos.

Em Edimburgo, Jery inicialmente observa a cordialidade e a hospitalidade dos escoceses: “The people here are so social and attentive in their civilities to strangers, that I am insensibly sucked into the channel of their manners and customs” (JM, 8 de agosto, p. 227). Tais qualidades, segundo ele, minam pouco a pouco as possíveis diferenças entre o grupo de viajantes e os escoceses, inclusive no que diz respeito ao estranhamento com o sotaque escocês: “[...] my ear is perfectly reconciled to the Scotch accent, which I find even agreeable in the mouth of a pretty woman—It is a sort of Doric dialect, which gives an idea of amiable simplicity” (JM, 8 de agosto, p. 227). Jery também afirma ter visitado lugares notáveis e que lhe trouxeram muita satisfação, descrevendo a cidade de maneira oposta àquela do olhar preconceituoso inglês e tratando em sua carta de diversos elementos, como os sabores da comida e a beleza das mulheres locais. Para Jery, os escoceses de Edimburgo são sociáveis e atentos às civilidades para com estranhos, de modo que ele afirma que, se permanecer muito tempo por lá, logo se transformará em um “Caledonian”, ou seja, um deles.

Outro ponto importante abordado por Jery é o olhar preconceituoso dos ingleses, que não encontra reciprocidade na visão dos escoceses em relação a eles. Segundo a personagem, os escoceses se importam com a “South-Britain” ao mesmo tempo que mantêm uma identidade; logo, estão longe de serem meros imitadores do sul da Grã-Bretanha:

[...] we are both unjust and ungrateful to the Scots; for, as far as I am able to judge, they have a real esteem for the natives of South-Britain; and never mention our country, but with expressions of regard—Nevertheless, they are far from being servile imitators of our modes and fashionable vices. All their customs and regulations of public and private oeconomy, of business and diversion, are in their own stile. (JM, 8 de agosto, p. 227)

As cartas de Jery sobre a cidade de Glasgow também apresentam esse mesmo tom de surpresa agradável. Ele afirma que Glasgow é o orgulho da Escócia, que é uma cidade elegante e que está prosperando em conhecimento e em comércio:

Considering the trade and opulence of this place, it cannot but abound with gaiety and diversions. Here is a great number of young fellows that rival the youth of the capital in spirit and expence; and I was soon convinced, that all the female beauties of Scotland were not assembled at the hunters ball in Edinburgh—The town of Glasgow flourishes in learning as well as in commerce. (JM, 3 de setembro, p. 244)

Jery também observa que Glasgow se assemelha muito ao País de Gales, desde a paisagem até a aparência e os modos dos camponeses: “[...] every thing I see, and hear, and feel, seems Welch” (JM, 3 de setembro, p. 247). Essa semelhança observada tanto por Jery quanto por Bramble reforça a possível razão de ambos se sentirem tão à vontade na Escócia, uma vez que esta se parece muito com seu lugar de origem.

Além disso, Jery aponta que, conforme eles sobem para as “Highlands”, a Escócia vai se tornando mais e mais selvagem. Nas suas palavras, os chamados “Highlanders” têm seus costumes próprios, comem mais carne e gostam de caçar. No entanto, ressalta que estes sofreram com as novas leis que resultaram da união dos parlamentos, sendo privados inclusive de usar sua vestimenta, o *kilt*:

They have been not only disarmed by act of parliament, but also deprived of their ancient garb, which was both graceful

and convenient; and what is a greater hardship still, they are compelled to wear breeches; a restraint which they cannot bear with any degree of patience: indeed, the majority wear them, not in the proper place, but on poles or long staves over their shoulders [...] Certain it is, the government could not have taken a more effectual method to break their national spirit. (JM, 3 de setembro, p. 246)

Nesse sentido, Jery aponta para os problemas de uma União que acabou podando as singularidades que definem essa parte da Escócia.

Em seu relato sobre a Escócia, Bramble é um pouco mais crítico que o seu sobrinho; no entanto, ele também demonstra ficar impressionado com os lugares que visita. Em suas cartas, Bramble observa algumas questões pontuais que são problemáticas na Escócia, mas estas nunca são suficientes para fazê-lo desgostar dos lugares que visita. No caminho para Edimburgo, Bramble aponta como as coisas ainda não estão tão desenvolvidas como na Inglaterra. Ele dá o exemplo da agricultura, que ainda não alcançou a perfeição daquela da Inglaterra, mas ao mesmo tempo elogia a beleza dos campos abertos e a abundância de provisões:

As far as I can perceive, here is no want of provisions—The beef and mutton are as delicate here as in Wales; the sea affords plenty of good fish; the bread is remarkably fine; and the water is excellent, though I'm afraid not in sufficient quantity to answer all the purposes of cleanliness and convenience; articles in which, it must be allowed, our fellow-subjects are a little defective. (MB, 18 de julho, p. 224)

Além disso, como o trecho sugere, Bramble acredita que, no quesito higiene, os escoceses deixam um pouco a desejar, devido ao costume de jogar suas impurezas pela janela no meio da noite.

Ainda assim, na sua opinião, seria ingratidão não falar bem de um povo que o recebeu tão bem, o que o faz destacar – assim como Jery – a animosidade e hospitalidade do povo escocês:

I should be very ungrateful, dear Lewis, if I did not find myself disposed to think and speak favourably of this people, among whom I have met with more kindness, hospitality, and rational entertainment, in a few weeks, than ever I received in any other country during the whole course of my life. (MB, 8 de agosto, p. 237)

Bramble também relata que o clima tranquilo da Escócia possibilitou

uma melhora em sua saúde: “I now begin to feel the good effects of exercise—I eat like a farmer, sleep from mid-night till eight in the morning without interruption, and enjoy a constant tide of spirits, equally distant from inanition and excess” (MB, 18 de julho, p. 225). Outro elogio feito pela personagem é que as instituições escocesas estão cheias de pessoas de caráter e competência. Além disso, Bramble chega a sugerir que se tivesse de levar uma vida em uma grande cidade seria em Edimburgo: “I protest, I shall leave with much regret. I am so far from thinking it any hardship to live in this country, that, if I was obliged to lead a town life, Edinburgh would certainly be the headquarters of” (MB, 8 de agosto, p. 242).

Quanto a Glasgow, assim como Jery, Bramble fica encantado com a cidade. Para ele, Glasgow representa o ideal arquitetônico de cidade, apresentando tudo o que Londres e Bath não tinham:

In short, it is a perfect bee-hive in point of industry. It stands partly on a gentle declivity; but the greatest part of it is in a plain, watered by the river Clyde. The streets are straight, open, airy, and well paved; and the houses lofty and well built of hewn stone. At the upper end of the town, there is a venerable cathedral. (MB, 28 de agosto, p. 252)

Bramble afirma que Glasgow é uma das mais belas cidades da Europa e também uma das que mais prosperam na Grã-Bretanha. Além disso, Bramble fala ainda de como desenvolveu um apego por essa parte da Escócia que também para ele lembra muito seu país e seu lar:

You must know I have a sort of national attachment to this part of Scotland—The great church dedicated to St Mongah, the river Clyde, and other particulars that smack of our Welch language and customs, contribute to flatter me with the notion, that these people are the descendants of the Britons, who once possessed this country. (MB, 28 de agosto, p. 254)

Segundo Bramble, o erro dos ingleses está em comparar tudo o que há na Escócia com o que há na Inglaterra. Em suas cartas, por diversas vezes aponta como é necessário despir-se do olhar inglês para compreender melhor a Escócia. Além disso, afirma que se um inglês chegar à Escócia comparando tudo com seu país não conseguirá ultrapassar a barreira dos preconceitos, pois a comparação “is unfavourable to Scotland in all its exteriors, such as the face of the country in respect to cultivation, the appearance of the bulk of the people, and the language of conversation in general” (MB, 8 de agosto, p. 238).

Desse modo, os trechos de cartas apresentados aqui demonstram a preocupação de Smollett em mudar as falsas concepções acerca da Escócia ao compará-la sob um olhar bastante crítico com a sociedade inglesa. Em *Humphry Clinker*, há um choque de vozes, de modo que nenhuma é confiável por completo, sendo preciso combinar essas múltiplas perspectivas para inferir uma totalidade possível do romance. No entanto, ao combiná-las, percebemos que as vozes de Matthew Bramble e Jerry Melford se sobressaem na obra em comparação às de Lydia, Tabitha e Jenkins, o que aponta para a centralidade da crítica social e do olhar atento aos diferentes costumes locais na obra. Nesse sentido, há uma crítica à sociedade inglesa que sobrepassa todas as vozes presentes no romance, e, ainda que o leitor esteja diante de uma obra que prioriza a polifonia ao monologismo, as escolhas formais do autor apontam para uma direção bastante concreta de crítica à sociedade inglesa e louvor à sociedade escocesa. Sendo assim, em um período em que a Inglaterra era vista como o centro em relação às “periferias celtas”, o romance representa o centro do império ao mesmo tempo que tenta dissipar um pouco das falsas concepções da época a respeito da Escócia.

Wagoner (1983, p. 356) aponta que a “raison d’être” dos romances de Smollett é a reforma dos costumes por meio da sátira. Considerando-se que *Humphry Clinker* é um romance do século XVIII, pode-se afirmar que é também inerentemente didático. Essa intenção didática fica bastante evidente logo no começo do primeiro volume, quando lemos duas correspondências que não são das personagens – mas de um reverendo do País de Gales, Jonathan Dustwich, e de um livreiro de Londres, Henry Davi – e que discutem sobre a publicação das cartas da família de Bramble. Jonathan fica feliz em saber que as cartas serão impressas, pois servem para a “edificação” e “informação”, sendo, portanto, um dever publicá-las:

[...] *the private correspondence of persons still living, give me leave, with all due submission, to observe, that the Letters in question were not written and sent under the seal of secrecy; that they have no tendency to the mala fama, or prejudice of any person whatsoever; but rather to the information and edification of mankind: so that it becometh a sort of duty to promulgate them in usum publicum.* (SMOLLETT, 2018, p. 6)

É interessante observar que, na falta de um prefácio ao livro, como Smollett havia feito em *Roderick Random* (1748) ou em *The adventures of Ferdinand Count Fathom* (1753), o autor faz uso de correspondências e da bênção de um homem socialmente confiável como o reverendo – o qual não revela como veio a ter a posse dessas cartas – para justificar a necessidade do romance.

Por fim, a fala de Jery, “we are the fools of prejudice” (JM, 30 de abril, p. 53), ecoa para além do romance, no sentido de convidar o leitor a conhecer outros olhares sobre a Inglaterra e a Escócia, para então reavaliar a concepção de britânico desse período. Smollett, portanto, permanece leitura fundamental na medida em que se constrói em contraponto aos romances de seu tempo que ignoram as outras partes que compõem o Império Britânico e que, portanto, representam exclusivamente uma concepção inglesa de mundo. Nesse sentido, a estrutura episódica e fragmentada, bem como a configuração não unitária do enredo de *The expedition of Humphry Clinker*, não só reflete a instabilidade do gênero romance na periferia da Grã-Bretanha, como também aponta para a pluralidade de vozes e lugares que a constituem. Nesse romance, Smollett imagina a nação britânica como uma comunidade multicultural e multinacional. Não por acaso a narrativa termina em clima de união e conciliação, com Humphry Clinker descobrindo que Bramble é seu pai e se casando com Jenkins; Tabitha se casando com Lishmahago; e Lydia, com Wilson. ■

CARLA LENTO FARIA – Desenvolve, no Programa de Teoria Literária e Literatura Comparada da USP, trabalho de doutorado sobre *Entre os atos* e a concepção de romance na obra de Virginia Woolf. Ensaio apresentado à disciplina “Ascensão do romance britânico e construção literária da identidade nacional”, ministrada pelo professor Thiago Rhys Bezerra Cass no primeiro semestre de 2018. Contato: carlalfaria@usp.br

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. "Epic and novel". In: *Dialogic Imagination*. Trad. de Michael Holquist. Austin: University of Texas Press, 1981.

CRAWFORD, Robert. *Devolving English Literature*. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2000.

GASSMAN, Byron. "The economy of Humphry Clinker". In: SMOLLETT, Tobias. *The expedition of Humphry Clinker*. Ed. de James L. Thorson. New York: W. W. Norton, 1983.

ISER, Wolfgang. "An examination of Smollett's Humphry Clinker". In: SMOLLETT, Tobias. *The expedition of Humphry Clinker*. Ed. de James L. Thorson. New York: W. W. Norton, 1983.

KNAPP, Lewis. "Smollett's self-portrait in The expedition of Humphry Clinker". In: SMOLLETT, Tobias. *The expedition of Humphry Clinker*. Ed. de James L. Thorson. New York: W. W. Norton, 1983.

KONIGSBERG, Ira. "Humphry Clinker and Parallactic Nation". In: *Narrative technique in the English novel: Defoe to Austen*. Hamden, CT: Archon Books, 1985.

SCOTT, Sir Walter. "Tobias Smollett". In: SMOLLETT, Tobias. *The expedition of Humphry Clinker*. Ed. de James L. Thorson. New York: W. W. Norton, 1983.

SENA, John. "Architecture in Humphry Clinker". In: SMOLLETT, Tobias. *The expedition of Humphry Clinker*. Ed. de James L. Thorson. New York: W. W. Norton, 1983.

SMOLLETT, Tobias. *The expedition of Humphry Clinker*. Disponível em: <http://www.gutenberg.org/ebooks/search/?query=humphry+clinker>. Acesso em: 24 jun. 2018.

VASCONCELOS, Sandra Guardini. *A formação do romance inglês*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2006.

WAGONER, Mary. "On the satire in Humphry Clinker". In: SMOLLETT, Tobias. *The expedition of Humphry Clinker*. Ed. de James L. Thorson. New York: W. W. Norton, 1983.